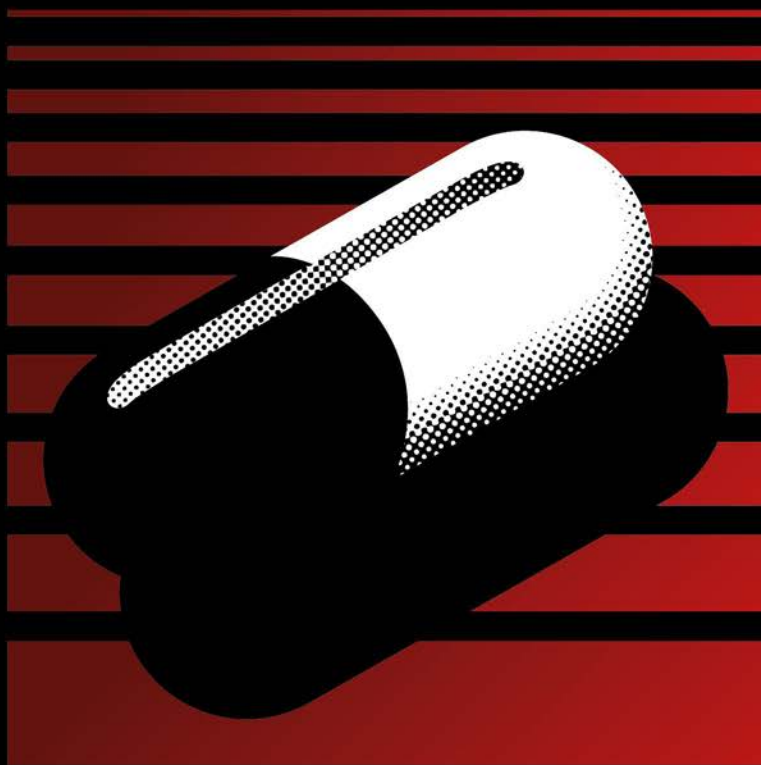




AMANDA MIRANDA 4mg	FERNANDA GARCIA 4mg
GRAZI FONSECA 8mg	ING LEE 10mg
MARCO SEM S 8mg	MONGE HAN 6mg
NICHOLAS STEINMENTZ 8mg	
PAULA PUIUPO 8mg	TAIS KOSHINO 4mg

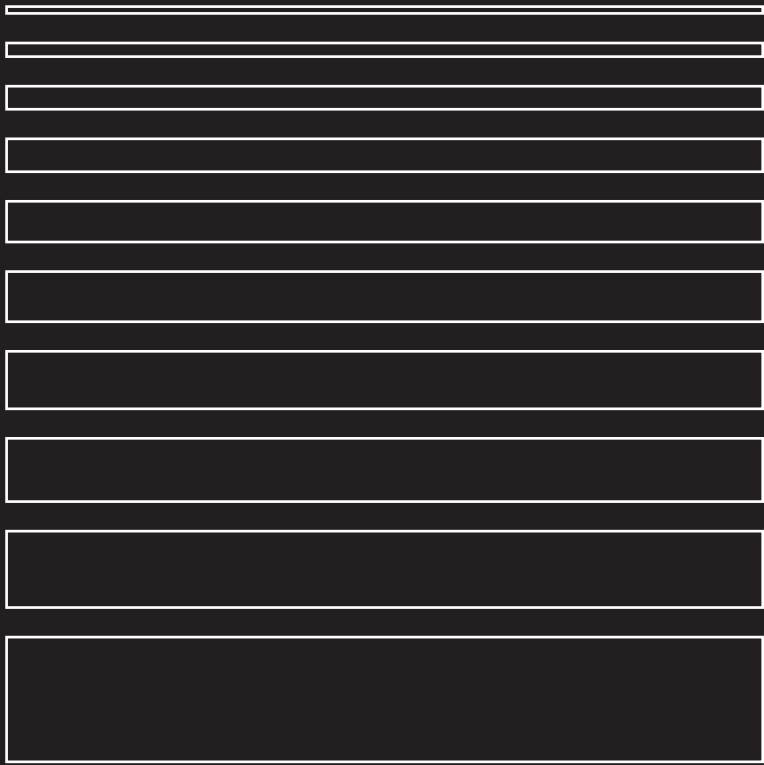


CÁPSULA

M A AKIRA

UMA ANTOLOGIA EM HOMENAGEM A AKIRA

UMA ANT



CÁPSULA

FICHA TÉCNICA

Projeto gráfico

Larissa Kamei

Ing Lee

Capa

Larissa Kamei

Ing Lee

Textos

Ing Lee

Artistas

Amanda Miranda

Grazi Fonseca

Ing Lee

Fernanda Garcia

Marco sem s

Monge Han

Nicholas Steinmentz

Paula Puiupo

Taís Koshino

Produção gráfica

Larissa Kamei

TETSUO *Vamos fugir
para algum lugar...
você e eu, Tina.*

KAORI *Mas...
Para onde iremos?*

TETSUO *Qualquer lugar.
Apenas quanto mais longe,
melhor, eh?*

1988, AKIRA

EM 2019, NÃO É SOMENTE NEO TOKYO QUE ESTÁ PRESTES A EXPLODIR

POR ING LEE

Akira (アキラ) é um mangá e longa metragem animado da década de 80, feito por Katsuhiro Otomo. A história se passa no ano de 2019, sob o pano de fundo da metrópole distópica de Neo Tokyo, reconstruída após uma 3ª Guerra Mundial – datada há 31 anos atrás – e prestes a sediar os jogos olímpicos de 2020. Como uma resposta aos problemas sociais de um Japão babélico imerso em crises econômicas e políticas, ocorrem protestos em massa, crescimento de gangues e crimes, somados à intensificação da repressão militar enquanto mecanismo de controle das reações insurgentes da população.

Akira é uma catástrofe iminente sintomática de uma sociedade pós-nuclear. E para se entender tanto a criação de Katsuhiro Otomo quanto a cultura pop japonesa, é preciso compreender o contexto e impactos do trauma da bomba atômica, que deixou uma marca profunda em diversos aspectos (não somente culturais, como também sociais, políticos e econômicos) durante o processo de reconstrução da sociedade nipônica após a sua derrota na 2ª GM. Enquanto na cultura de massas estadunidense o contato com a radioatividade faz surgir super-heróis, uma nação que teve seu solo chapado e cidades inteiras reduzidas a ruínas de cinzas pela exposição nuclear certamente não será capaz de tecer narrativas gloriosas. Ao invés de auspiciosos heróis, surgem monstros, tal como Gojira¹, uma criatura milenar das profundezas do mar. Este *kaiju*² é fruto de mutações decorrentes dos testes de bombas feitos no Atol de Bikini, que acorda sob uma forma colossal, em fúria e absoluto descontrole de seu poder nuclear, resultando na destruição de Tokyo.

No universo de Akira, a hecatombe é onipresente, personificada em dois agentes. O primeiro é o próprio Akira, uma criança exposta à diversos experimentos científicos em prol de um progresso militar e governamental. Ao adquirir poderes psíquicos, transforma-se numa concha vazia de seu antigo eu – que fora completamente destruído pelas suas mutações constantes – e se autodestrói numa explosão, que leva consigo toda a cidade de Tokyo – cuja reconstrução a posteriori é denominada de Neo-Tokyo. Porém, o “Akira” ainda permanece, como um átomo que se materializa em efeitos de sofrimento físico e mental – da mesma maneira que as das vítimas expostas à radiação das bombas nucleares. O pequeno garoto é um paralelo ao *Little Boy*³ lançado sobre Hiroshima.

¹ Nome original japonês para a obra cinematográfica Godzilla (1954).

² 怪獣 do japonês “besta estranha”, “monstro gigante”. É um termo usado tanto para se referir ao subgênero de filmes tokusatsu (“filmes com efeitos especiais”, como Kamen Rider e Ultraman), originado por Godzilla, caracterizado pela presença de criaturas desconhecidas; como também é utilizado para designar estes próprios monstros.

³ “Menininho” em português, é o código da bomba atômica estadunidense lançada em Hiroshima no Japão, no dia 6 de agosto de 1945.

E ao entrar em contato com o elemento desestabilizador da criança Akira, gera-se um segundo mártir: Tetsuo. Ao ganhar poderes, que precisam ser controlados por meio de cápsulas que lhe obrigam a ingerir, Tetsuo em sua ambição ignorante em sede de poder, transcende a sua forma humana e tem suas vísceras fundidas com a cidade, transfigurando-se num caótico acúmulo de carne e concreto, que cresce incessante e desastrosamente, como um tumor pós-industrial. Um corpo que se fragmenta imerso ao caos, hiperestimulado e fruto da decomposição de fronteiras, encarnando diversas tramas e subtramas, Akira é uma sombra da guerra – assim como as manchas deixadas pelos corpos dos habitantes de Hiroshima e Nagasaki ao conhecerem os efeitos perversos de uma arma de destruição em massa.

Como a gangue *Os Cápsulas* em Akira, criamos a *nossa própria Cápsula*, composta por um time de 9 artistas da cena independente, de origens e trajetórias plurais. O tributo surge primariamente do sentimento de admiração pelas complexidades que a obra de Katsuhiro carrega, que é propulsionado pela urgência de se encarar distopias, estando inseridos num período onde vivenciamos uma sequência de apocalipses explodindo cotidianamente, seja em esferas micro ou macro. Ainda, o cansaço e angústia decorrente do excesso de informações de tragédias simultâneas nos deixam num estado que oscila entre dois pólos, tanto o de alerta constante e quanto o da completa dessensibilização. Porém, permanecemos e resistimos em constante contramovimento, determinados pela possibilidade da construção de um futuro no qual ainda hajam histórias a serem vividas e contadas.

O futuro não é uma linha reta. Existem muitos caminhos diferentes. Devemos tentar decidir esse futuro por nós mesmos. KİYOKO, 1988, AKIRA

09	MONGE HAN	
	ENERGIA PURA	6mg
17	FERNANDA GARCIA	
	CÁPSULAS ESPERTAS	4mg
23	PAULA PUIUPO	
	PLANOS	8mg
33	GRAZI FONSECA	
	2019	8mg
43	MARCO SEM S	
	SANKOFA	8mg
53	NICHOLAS STEINMENTZ	
	LABIRINTO	8mg
63	TAÍS KOSHINO	
	PARA ALÉM DA FORMA	4mg
69	ING LEE	
	QUE SE EXPLODA	10mg
81	AMANDA MIRANDA	
	VERTIGEM	4mg

ALÉM DA FORMA
ALÉM DA FORMA

TAÍS KOSHINO

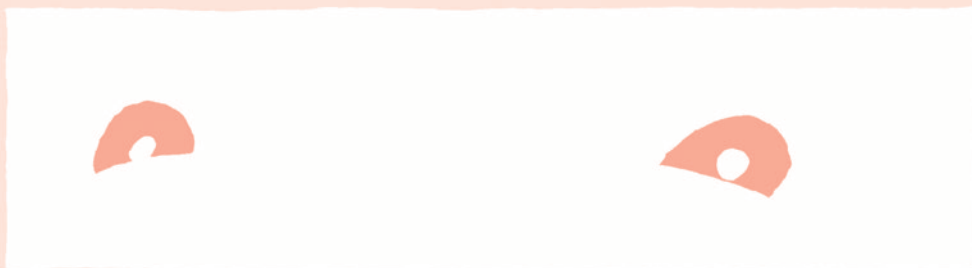
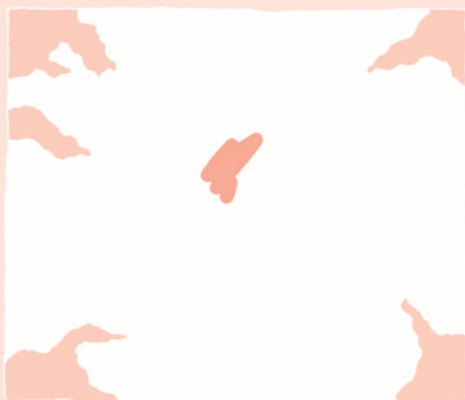
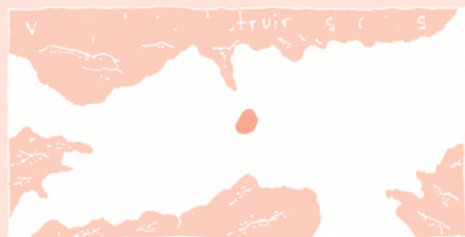
PARA ALÉM DA FORMA
PARA ALÉM DA FORMA



www.taiskoshino.com

Taís Koshino é artista visual e trabalha com desenho em suas várias formas: nos quadrinhos, na animação, na tatuagem e na ilustração. É co-fundadora da editora Piqui que, entre 2011 e 2019, publicou zines e livros de quadrinhos e ilustração, e da Fuio Printshop, uma mini gráfica de risografia. Já participou de mais de 15 publicações diferentes, entre auto-publicações e coletâneas de quadrinhos nacionais e internacionais. Em 2015, lançou a Coral, finalista do Prêmio Miolo(s) na categoria HQ e, em 2016, editou e participou do Topografias, uma coletânea de quadrinhos feita apenas por mulheres, que foi nomeada um dos destaques do ano na área. Em 2017, seu quadrinho Ainda Ontem

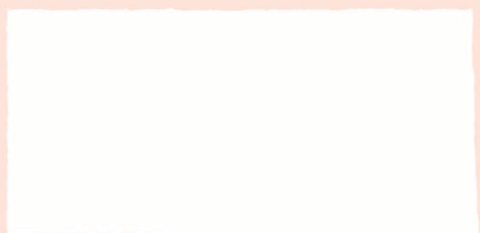
foi selecionado e publicado pela convocatória Des.gráfica (MIS/SP). Participou também da organização da Dente - feira de publicações independentes (2015 - 2019) e do coletivo Desculpinha. Escreveu e dirigiu o curta Corpo às Avestas (2013) e a animação Entre (2016). Em 2019, realizou a videoinstalação "4me" para a exposição "O mundo é mesmo muito grande assim" no Parque Lage (RJ); e "クラゲ (kurage): água viva" em sua primeira exposição individual como parte da residência do Studio Kura (Itoshima, Japão).

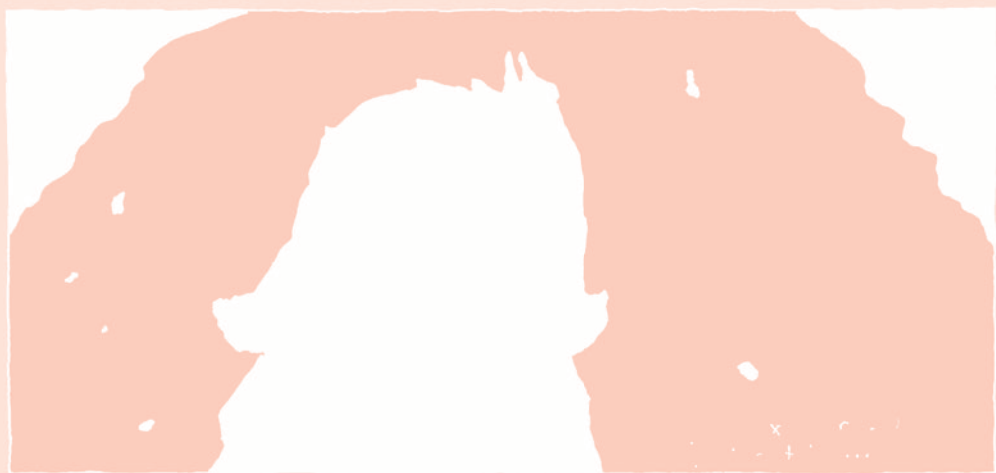


• univ. = plural
umbralus = definitiv
+ ă = în se torn. min.
-

1. + se + , minuscule...

• um, p. = definitiv
de min. p. = unde te întors e is. s. inevitabil / universal!





Este livro foi composto pelas
tipologias Roboto Mono e Soulcraft.
Foi impresso em papel offset 90g/m² na
gráfica Formato em Novembro de 2019.
Tiragem 1000 exemplares.